

Contribuições do debate modernidade/pós-modernidade para a compreensão da crise socioambiental: um estudo sobre teses e dissertações em educação ambiental

RESUMO

Diante da crise socioambiental, uma das possíveis formas de compreendê-la é como uma manifestação da crise do conhecimento da sociedade contemporânea ocidental, ou seja, da forma pela qual nossa sociedade conhece, relaciona-se e intervém na natureza. Este texto, produto de uma dissertação^{1 2}, tem como objetivo identificar aspectos da contribuição teórica do debate Modernidade/Pós-Modernidade apresentados nas pesquisas acadêmicas brasileiras sobre Educação Ambiental que se propõem a compreender, contextualizar e explicar a crise socioambiental, e, dessa forma, colaborar para a fundamentação teórica deste campo do conhecimento. A investigação se deu a partir da análise de vinte e quatro dissertações e teses selecionadas no Banco do Projeto Educação Ambiental no Brasil: análise da produção acadêmica (teses e dissertações), e caracterizou-se como pesquisa do tipo estado da arte. A Análise de Conteúdo foi o instrumento analítico utilizado para a interpretação qualitativa. Foram analisadas dezoito dissertações de mestrado e seis teses de doutorado, que foram defendidas entre os anos de 1992 e 2009, em dezenove instituições de ensino e pesquisa, localizadas, concentradamente, nas Regiões Sudeste e Sul do país. Podemos compreender que o debate Modernidade/Pós-Modernidade está presente nas pesquisas sobre Educação Ambiental no Brasil, e que tece relações entre a crise socioambiental e o Paradigma da Modernidade. Aponta-se que, sete trabalhos o fizeram objetivamente, cinco promoveram o debate de forma latente e outros onze preocuparam-se em descrever uma possível transição paradigmática, que estaria ocorrendo entre o paradigma da Modernidade e seu sucessor, como consequência da crise socioambiental. Os trabalhos analisados indicam consenso que a crise ecológica, ambiental ou social é uma crise complexa, que já não pode ser reduzida a fatores da escassez ou finitude de recursos naturais. A experiência de crise, segundo tais pesquisas, está fundamentada em alguns aspectos do Paradigma da Modernidade, tais como: a fragmentação do conhecimento científico moderno; o desencantamento do mundo; o Cristianismo; a racionalidade; o antropocentrismo e o eurocentrismo. A relação entre a crise socioambiental e a crise da Modernidade é caracterizada por esse conjunto de trabalhos pela indissociabilidade entre os dois elementos, e, dessa forma, não pode ser explicada pela rígida relação simplificada de causa-efeito.

PALAVRAS-CHAVE: Crise Socioambiental. Modernidade. Pesquisa em Educação Ambiental. Estado da Arte.

Maria Fernanda Zanatta Zupelari
mfzanatta@yahoo.com.br
orcid.org/0000-0002-4613-5766
Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Rio Claro, São Paulo, Brasil

Rosa Maria Feiteiro Cavalari
r.cavalari@unesp.br
orcid.org/0000-0002-3782-2396
Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Rio Claro, São Paulo, Brasil

A CRISE SOCIOAMBIENTAL COMO CRISE DO CONHECIMENTO

A partir da década de 1960, o movimento ambientalista, pesquisadores e pensadores denunciaram os limites da natureza como matéria do progresso ocidental moderno. Parte da sociedade, gradualmente, começou a considerar a crise socioambiental em que nos encontramos, na qual a manutenção da estrutura social, organizada em determinado padrão acelerado de consumo, passou a ser um alerta.

A crise ecológica revela-se complexa, e questiona a forma como a sociedade contemporânea ocidental conhece, compreende, relaciona-se, interage e intervém na natureza.

A partir da técnica, os grupos humanos transformam a natureza, produzindo objetos, valores, o espaço, e sua própria organização social, de modo a viabilizar a produção material e cultural que lhe é característica. As variadas técnicas, produtos de diferentes organizações sociais, podem ser compreendidas como a materialização da forma pela qual uma sociedade relaciona-se e conhece a natureza, e, portanto, quais seus fundamentos ontológicos, axiológicos e epistemológicos.

Em meio ao quase consenso relativo à existência de uma crise socioambiental parece claro que o modelo de conhecimento, e de produção associado à organização social moderna, não atingiu alguns de seus principais ideais traçados no Projeto da Modernidade, quais sejam libertar a Humanidade do medo dos fenômenos naturais, promover o individualismo, a liberdade e o progresso tecnocientífico, a fim de possibilitar uma vida mais justa e confortável para todos. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).

Assim, a conjunção de compreensões e valores que orientam os seres humanos modernos a intervir na natureza é interpretada como uma fonte de oportunidades para a minimização ou resolução desta crise (RODRIGUES, 1994). Mas, para que se recuperem tais oportunidades, é imprescindível uma reflexão sobre as falhas e contribuições do Projeto da Modernidade.

Nesse sentido, Leff (2001, p. 191) apresenta a crise socioambiental como a “crise da civilização ocidental” e como “um problema de conhecimento”:

A crise ambiental é a crise de nosso tempo. O risco ecológico questiona o conhecimento do mundo. Esta crise apresenta-se a nós como um limite do real [...] Mas também crise do pensamento ocidental: da determinação metafísica que, ao pensar o ser como ente, abriu caminho para a racionalidade científica e instrumental que produziu a Modernidade como uma ordem coisificada e fragmentada, como formas de domínio e controle sobre o mundo. Por isso, a crise ambiental é, acima de tudo, um problema de conhecimento.

A forma moderna de compreender o mundo, a partir da Ciência metodologicamente definida, apoiada em princípios como a verdade absoluta, a objetividade, a dicotomia sujeito-objeto e a fragmentação da realidade, gradativamente perde força na sociedade contemporânea, enquanto outros saberes, como os tradicionais, surgem para somar ao conhecimento científico, nas resoluções de problemáticas complexas, como a questão ambiental (GOERGEN, 2010).

Se a Modernidade, com profundos alicerces no conhecimento racional e científico, por um lado, revela com a problemática ambiental seus limites, por outro, por meio do conhecimento construído proporciona debates a respeito de novos paradigmas, os quais seriam capazes de delimitar realidades e propor soluções para crises que a sociedade contemporânea passou a enfrentar.

Contudo, a produção material e imaterial das sociedades pós-industriais reproduz a forma como a humanidade passou a se organizar, desde que se fundou a Modernidade. Assim, formas de compreender o mundo, organizar e produzir que surgem na atualidade, não são, exatamente, alternativas à Modernidade, pois se referem a esta, aprofundando-a ou contradizendo-a, como são as teorias da Pós-Modernidade e da Hipermodernidade. Assim, o debate da Modernidade/Pós-Modernidade sugere que exista uma dificuldade para delimitar se há um paradigma orientador definido na sociedade de capitalismo tardio, e, ainda, se existe a necessidade de delimitá-la.

Jean François Lyotard (1979) trouxe, do campo artístico para a Filosofia e Ciências Humanas, o termo pós-moderno e empregou-o como qualidade da cultura das sociedades pós-industriais, as regidas sob o capitalismo avançado, para determinar um momento no qual as metanarrativas não explicariam mais o mundo.

A Pós-Modernidade, na sua leitura filosófica, propõe uma “reação ao modernismo, ou de afastamento dele (HARVEY, 2008, p. 19)”. Sobre a inautenticidade do termo, disserta Fredric Jameson (2002, p. 16):

replica, já no próprio título, uma *mimésis* do modo como são parasitárias de outro sistema (do próprio modernismo), cujos traços residuais, assim como valores e atitudes inconscientemente reproduzidos, tornam-se, então, indicações preciosas da impossibilidade de emergência de uma cultura totalmente nova. É apenas reflexo e aspecto concomitante de mais uma modificação sistêmica do próprio capitalismo.

Sustentando-se nas bases da organização produtiva para delimitar temporal, econômica e culturalmente o pós-modernismo, o autor preocupa-se em justificar a escolha do termo Capitalismo tardio para nomear o terceiro estágio do modo de produção capitalista, de tal modo que, qualificá-lo como tardio lhe confere a ideia de passagem de tempo, de diferença, de transformações daquilo mesmo, e distancia-se dos significados de ruptura, colapso ou fim. Nesse sentido, Jameson (2002) declara que a sua escolha pelo termo também é ideológica, pois baseia sua opção na origem frankfurtiana do termo, cujo viés crítico pretende sobrepor-se ao uso da expressão sociedade pós-industrial, pois, crê Jameson, trata-se de um termo que gera imprecisões à possibilidade de criar uma nova realidade, distinta, em essência, da moderna sociedade industrial.

Gilles Lipovetsky (2004) compreende que a condição moderna não foi superada pela sociedade ocidental, mas sua revisão foi levada ao extremo, fenômeno por ele denominado de Hipermodernidade, que seria um terceiro momento da própria Modernidade, sendo que as categorias mercado, técnica e individualismo permanecem atuantes, mas com intensidades gradativamente crescentes.

Diante da complexidade de delimitação e compreensão das relações entre sociedade e natureza na contemporaneidade, quando delimitamos a crise

socioambiental enquanto crise do conhecimento, evidencia-se que não será possível minimizar os problemas gerados pelo aprofundamento da crise ecológica aliada à injustiça ambiental se forem enfrentados enquanto a degradação dos recursos naturais. Pois, seu enfrentamento deverá acontecer considerando as múltiplas facetas da própria crise (econômica, técnica, social e de subjetividade), empenho que pode ser desenvolvido por meio da educação.

Carvalho (1989) defende que o processo educativo é visto pelos envolvidos na questão ambiental como uma possibilidade de transformação do quadro de crise, esperança à qual se dedica a Educação Ambiental, que pode contribuir para a mudança gradual dos padrões de consumo, dos valores, e das formas de conhecimento.

Por seu lado, o campo da pesquisa acadêmica que investiga sobre as fundamentações, metodologias e lacunas da Educação Ambiental pretende contribuir para as ações educativas, produção de material, orientações a políticas públicas que tematizam a relação sociedade-natureza, levando em consideração o jogo econômico e político do poder. Diante de um grande crescimento quantitativo e qualitativo de suas produções, pesquisadores denotam a fragilidade do processo de consolidação da Pesquisa em Educação Ambiental como campo do conhecimento, principalmente naquilo que concerne aos seus aspectos teórico-metodológicos.

Partindo da premissa que reitera a frequência das argumentações, em pesquisas acadêmicas deste campo do conhecimento, que criticam, a partir das negações e oposições binárias, as características da Modernidade e as denunciam como elementos causais da crise socioambiental, buscamos, na dissertação defendida, identificar aspectos da contribuição teórica do debate Modernidade/Pós-Modernidade que se relacionam com a questão ambiental, contextualizados nas pesquisas acadêmicas brasileiras.

Especificamente neste artigo, objetivamos identificar quais aspectos do debate Modernidade/Pós-Modernidade encontrados nos textos selecionados permitiram melhor compreender e enfrentar a crise socioambiental, e aprofundar a complexidade envolvida na relação entre esses elementos. Tentar superar a relação causa-efeito entre tais elementos, a crise socioambiental e o debate Modernidade/Pós-Modernidade, configura o exercício teórico desta pesquisa.

Para tanto, foi feito um recorte baseado nas análises de pesquisas selecionadas no Banco do Projeto Educação Ambiental no Brasil: análise da produção acadêmica (teses e dissertações) – Earte³.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo resulta de pesquisa do tipo estado da arte, o qual se caracteriza pelo caráter bibliográfico, e pretende identificar e refletir sobre certas características dos campos científicos: tendências, limites, aspectos privilegiados, lacunas no conhecimento, intertextualidades, a distribuição geográfica e histórica, contextos da produção, e reflexões acerca de um dado campo do conhecimento (FERREIRA, 2002).

A pesquisa aqui apresentada se dá no contexto das práticas investigativas do **Projeto Educação Ambiental no Brasil: análise da produção acadêmica (teses e dissertações)**, assim como muitos outros trabalhos sobre o estado da arte deste

campo de conhecimento que procuraram mapear, caracterizar, identificar, e justificar tendências e lacunas da Pesquisa em Educação Ambiental no Brasil, como observamos em Kato (2014), Valentin (2016) e Reis e Silva (2016). É possível acompanhar a produção intelectual produzida pelos pesquisadores do Projeto no sítio eletrônico do mesmo.

Os trabalhos selecionados para a análise aqui desenvolvida estão inseridos no bojo das teses e dissertações de Educação Ambiental defendidas no período entre 1987 e 2009, em instituições de ensino superior brasileiras. Esse intervalo de tempo foi determinado, obedecendo aos seguintes critérios: No ano de 1987 foi identificada, pelo grupo acima mencionado, a primeira publicação da pesquisa acadêmica brasileira neste campo do conhecimento, e 2009 foi a data limite de publicações acadêmicas compiladas no Banco de Teses do Projeto Earte a que esta investigação teve acesso enquanto a dissertação fora realizada, no ano de 2014.

Ressaltamos que as pesquisas que constituem o Banco de Teses do Projeto Earte foram captadas do Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, e que no ano de 2012, quando a pesquisa de mestrado que deu origem a este artigo se iniciou, a Capes limitou seu banco com teses e dissertações defendidas até 2009, retirando do *site* as demais. De 2013 até a ocasião da finalização da investigação em questão, em 2014, a Capes acrescentou ao seu Banco de Teses e Dissertações textos defendidos nos anos de 2011 e 2012, sem, contudo, divulgar as pesquisas defendidas no ano de 2010. Esse movimento fez com que os pesquisadores do Projeto Earte envolvidos nas buscas, identificação, seleção e classificação de pesquisas acadêmicas em Educação Ambiental arrolassem os trabalhos que foram defendidos até 2009, até a ocasião do lançamento do *site* do Projeto Earte e do seu Banco de Teses, que ocorreu em 2014. Assim, trabalhos defendidos após 2009, passaram a fazer parte do referido Banco de Teses do Projeto Earte após setembro de 2014, quando a dissertação que deu origem a este artigo já havia sido finalizada, como consta em Carvalho et al. (2016).

Ao realizar buscas no *site* do Projeto Earte, o pesquisador pode acessar as fichas de classificação dos trabalhos, elaboradas pela equipe de pesquisadores envolvidos, que contemplam: dados institucionais; resumo; palavras-chave; a classificação do contexto no qual a pesquisa se insere (escolar ou não escolar); a área do conhecimento (definida pela Capes); o tema ambiental; o tema de estudo (foco da investigação); o público envolvido (participantes de pesquisa).

Depois de elencar alguns termos que foram priorizados na revisão bibliográfica, foram definidas quais teses e dissertações seriam analisadas, ou seja, que constituiriam o *corpus* documental. Assim, buscamos seis termos (e suas possíveis flexões de gênero e número) nos campos título, resumo e palavras-chave dos textos que compõem o Banco de Teses do Projeto Earte. Seguem os termos buscados: modernidade; pós-modernidade; moderno; pós-moderno; hipermoderno; modern*.

Após a leitura atenta dos setenta e seis resumos dos trabalhos encontrados, selecionamos dezoito trabalhos que pareciam atender a pelo menos um dos critérios adotados: o trabalho busca relacionar o debate da Modernidade/ Pós-Modernidade com a crise socioambiental, como foco central do estudo; o debate Modernidade/Pós-Modernidade é explicitado em um ou mais capítulos, para

discutir a crise socioambiental, mesmo se for outro o objetivo principal dos autores; o trabalho explicita a escolha pelo aporte teórico da Pós-Modernidade ou da Hipermmodernidade em alternativa, ou complementação, às fundamentações modernas, relacionando-os com a problemática ambiental.

Posteriormente, com o intuito de elencar novos termos de buscas que poderiam expandir o *corpus* documental e conhecer como a temática foi relatada em artigos publicados em dois dos principais periódicos internacionais de Pesquisa em Educação Ambiental, a *Environmental Education Research, EER*, e a *Canadian Journal of Environmental Education, CJEE*, foi realizada a leitura de um conjunto de artigos filtrados pelo termo *modernity* no banco desses periódicos. Identificamos os seguintes termos que, frequentemente, aparecem nesses artigos internacionais relacionando o Debate Modernidade/Pós-Modernidade e a crise socioambiental: sociedade de risco; medo; sociedade líquida; tradição; insegurança; incerteza e, por fim, angústia. Assim, os procedimentos de busca no Banco de Teses do Projeto Earte foram refeitos, acrescentando-se esses novos termos.

Encontrados nessa segunda busca, cento e vinte e três resumos foram analisados, mas apenas dois deles atendiam aos critérios adotados para seleção. Entendemos que, pela baixa proporção de trabalhos selecionados, muito provavelmente tais buscas exigiram relações muito amplas, que não foram tecidas nos títulos, resumos ou palavras-chave dos trabalhos publicados. Percebe-se, também, que provavelmente essas relações têm se dado de forma diferente na produção teórica do Brasil e de outros países. Cabe destacar que a confirmação dessa hipótese foge aos objetivos desta investigação.

De um total de cento e noventa e nove resumos captados pelas buscas, vinte foram identificados como possíveis inclusões no *corpus* documental, sendo que mais quatro trabalhos foram adicionados após intensas revisões de buscas, visto que o Banco do Projeto Earte é permanentemente alimentado. Assim, vinte e quatro trabalhos constituem *corpus* documental desta pesquisa, apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Trabalhos constituintes do corpus documental

Código	Autor	Dados do Trabalho
TR 77	ECHEVERRI, A. P. N.	Educação estético-ambiental e fenomenologia: problemas filosóficos da educação estético-ambiental na modernidade. 1997. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 1997.
TR 83	SILVA, A. T. R.	O campo epistemológico da Educação Ambiental: o dualismo homem/natureza e o paradigma da complexidade. 2007. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.
TR 473	LINDAU, H. G. L.	TR 473 - Geografia e Educação Ambiental na construção do híbrido metodológico. 2009. Tese (Doutorado em Geografia), Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009

Código	Autor	Dados do Trabalho
TR 515	DEMAJOROVIC, J.	Sociedade de risco e responsabilidade socioambiental: perspectivas para a educação corporativa. 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
TR 920	KAZUE, M.	Perspectiva Arquetípica e Holística em Educação Ambiental: Fundamento, Vivência e Prática. 1992. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
TR 928	SATO, M. T.	Educação para o Ambiente Amazônico. 1997. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais) – Centro das Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1997.
TR 2024	ROMERO, A. H. F.	Autopoiese e Educação no Movimento do Santo Daime. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2004.
TR 2201	SASAHARA, C.	Sustentabilidade: a Perda do Caráter de Mudança Estrutural do Conceito. 2009. Dissertação (Mestrado em Ecologia Aplicada) – Escola Superior de Agricultura Luis de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2009.
TR 2252	GENZ, C. A.	O Espírito Moderno Ocidental e a Problemática Ambiental: contribuições para a construção de uma espiritualidade ambiental. 2005. Dissertação (Mestrado em Teologia), Faculdades EST, 2005.
TR 2254	SILVA, C. A. P.	A Educação e o Ambiente Escolar: entre o desenvolvimento da modernidade e a utopia realista do desenvolvimento sustentável. 2002. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2002.
TR 2577	DENTZ, C. V.	Epistemologia e Educação Ambiental: algumas perspectivas. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2008.
TR 2976	NYIMI, D. R. S.	O Paradigma Complexo: a Energia e a Educação. 2006. Dissertação (Mestrado em Engenharia Elétrica) – Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
TR 3362	MORAIS, E. R. M.	A Bíblia na Educação Ambiental - a Contribuição dos Textos Ecocêntricos do Antigo Testamento. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008.

Código	Autor	Dados do Trabalho
TR 3396	PIAVOWSKI, F.	Me Vejo no Que Vejo: a Relação entre Cidade e Identidade – Uma Reflexão à Educação Ambiental. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental), Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2004.
TR 4142	SILVA, J. B.	Da Efetividade da Educação Ambiental nas Escolas Família Agrícola: o caso da EFA Chico Mendes. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1999
TR 5240	SAGAVE, M. M.	Desenvolvimento humano e a construção do sujeito ecológico. 2009. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2009.
TR 6071	GRUN, M.	Questionando os pressupostos epistemológicos da Educação Ambiental: a caminho de uma ética. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.
TR 6172	SERRAO, M. A.	Da Lógica Dicotomizante a Busca de Novos Paradigmas: o discurso de pesquisadores ambientais do Rio de Janeiro. 1995. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.
TR 6180	ANJOS, M. B.	Educação Ambiental na Abordagem Interdisciplinar: experiência do colégio Senecista Capital Lemos Cunha. 1996. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 1996.
TR 6199	SIMONS, M. O.	Educação Ambiental e Transdisciplinaridade, o Encontro Possível na Formação de Professores: uma pesquisa simbólica. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade da Cidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
TR 6808	FASSARELLA, R. C.	Um Diferencial na Cidade: Encontros e Eventos na Educação Ambiental – Espaços Com-Vergentes de Mobilização e Participação Social. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2005
TR 7169	SAYÃO, S. C.	A educação, ambiente e informação: um estudo sobre fundamentos do processo de educação ambiental. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental), Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 1999
TR 7643	BARCELOS, V. H. L.	A Relação Homem/Ambiente e a Questão Ecológica: Uma Contribuição Ao Processo Educativo. 1996..

Código	Autor	Dados do Trabalho
		Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1996.
TR 8476	GASPARELLO, V. M.	Caminhos de expansão da consciência: um estudo introdutório para a vivência de uma educação que integre corpo-mente-espírito. 1994. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Estudos Avançados em Educação, Faculdade Getúlio Vargas, São Paulo, 1994.

Fonte: Autoria própria (2014).

A interpretação analítica dos documentos que compõem o *corpus* seguiu algumas etapas da Análise de conteúdo, elaboradas por Bardin (2009): a pré-análise, que consiste em identificar, a partir do material selecionado, quais hipóteses e objetivos seriam traçados; a leitura flutuante, a qual contempla as regras de exaustividade (tentar encontrar todos os possíveis elementos do *corpus*, sem esquivar-se de qualquer um), de homogeneidade (todo documento foi selecionado pelos mesmos critérios), e de pertinência (toda escolha de documento a ser analisado pretende responder aos objetivos de pesquisa) quais pontos ou excertos dos textos analisados respondem aos objetivos propostos. Em seguida, foi realizado o processo de edição dos textos, que implica na decomposição dos textos analisados, e posterior reorganização dos textos decompostos em temas comuns.

Destacamos que, por seu caráter qualitativo, com o tratamento descritivo e interpretativo dos dados, não há intenção de generalizar as análises realizadas para todo o campo da Pesquisa em Educação Ambiental brasileira. Ainda que limitadas a esse *corpus* documental e a esses procedimentos analíticos, as análises aqui realizadas podem apresentar perspectivas para o desenvolvimento deste campo do conhecimento.

CARACTERIZAÇÃO DO CONJUNTO DE TRABALHOS ANALISADOS

Dos vinte e quatro documentos analisados, dezoito são dissertações de mestrado e seis teses de doutorado, confirmando a tendência em pesquisas que se dedicam a compreender a produção acadêmica do Brasil que demonstra superioridade numérica de dissertações em relação à de teses de doutoramento, o que se explica pela desproporcionalidade de matrículas em cursos de mestrado em relação ao de doutorado, nos programas de pós-graduação do Brasil, tendência também apontada por Valentin (2016) e Reis e Silva (2016).

As pesquisas analisadas foram defendidas entre os anos de 1992 e 2009, em dezenove instituições de ensino e pesquisa diferentes, com destaque para USP e FURG. Dezesete pesquisas foram desenvolvidas em universidades públicas, quatro em instituições privadas, uma em fundação, e uma em organização filantrópica, destacando a importância das universidades públicas para a produção de conhecimento nesta área do conhecimento. Concentradamente nas Regiões Sudeste (54,1%) e Sul (33%) do país, acompanhando a tendência brasileira de aglomeração geográfica das instituições de ensino e pesquisa nessas regiões do país, como já descrito por Kato (2014), Reis e Silva (2016) e Valentin (2016), em

detrimento da ausência ou insuficiência desses equipamentos em outras regiões do país.

Nossa pesquisa destaca a grande diversidade de Programas de Pós-Graduação nos quais os trabalhos analisados foram desenvolvidos: Ciências da Religião ou Teologia; Ecologia; Psicologia; Desenvolvimento; Educação Ambiental e, mais frequentemente, pouco mais da metade, em Programas de Pós-Graduação em Educação. Interessante observar que essa diversidade de Programas nos quais as pesquisas foram desenvolvidas, pode indicar que a problemática ambiental, temática emergente na pesquisa brasileira, é abordada em diferentes áreas de conhecimento, até mesmo de forma multi e interdisciplinar. Há consonância, portanto, com a tendência em desenvolvimento das pesquisas deste campo do conhecimento nas áreas de Ciências Humanas e Multidisciplinares (KATO, 2014; CARVALHO et al., 2016).

Duas dentre as pesquisas selecionadas foram produzidas em instituições confessionais, o que nos fez refletir se o possível interesse desses pesquisadores pela temática deu-se pela relação entre a filosofia judaico-cristã e a constituição da Modernidade.

COMPREENSÕES SOBRE A CRISE SOCIOAMBIENTAL NOS DOCUMENTOS ANALISADOS

Todas as pesquisas aqui analisadas concordam que a Humanidade atravessa, atualmente, um momento de crise. Mesmo que com diferentes ênfases e aprofundamentos dados ao tema, os trabalhos parecem indicar certo consenso dentro do campo da Pesquisa em Educação Ambiental de que a crise ecológica, ambiental ou social é uma crise complexa, que já não pode ser reduzida a fatores da escassez ou finitude de recursos naturais. Segundo nossa compreensão, o termo crise socioambiental parece mais abrangente e representativo, pois expressa as desvantagens sociais e políticas das classes menos favorecidas economicamente diante da situação de degradação ambiental acelerada.

A pesquisa produzida pelo campo da Educação Ambiental, no contexto deste conjunto de trabalhos aqui analisados, procura conhecer os problemas ambientais resultantes do tipo de organização social que a sociedade ocidental moderna aprofundou, para que, a partir da educação, seja capaz de intervir, de maneira efetiva, na solução de tais problemas.

Nesse viés, destacamos a importante contribuição do trabalho **TR 2577**, baseado em Habermas, sobre ideologias de crise e experiências de crise. De fato:

Ainda é Habermas (1980, p.15) que indica que se pode falar de crise apenas quando membros de uma sociedade experimentam alterações estruturais como sendo críticas para a existência contínua e sentem sua identidade social ameaçada. A existência contínua só é ameaçada quando os fundamentos consensuais das estruturas normativas são danificados, tornando a sociedade anacrônica e expondo o risco de desintegração social. A crise de uma sociedade não depende da percepção que seus membros tenham da crise, se identificam ou não a situação. É possível distinguir “ideologias de crises” de “experiências de crises”. Assim, as ocorrências de crises devem sua objetividade ao fato de surgirem de problemas de condução irresolvidos. (TR 2577, 2008, p.18-19).

Referimos, ainda, que no *corpus* documental selecionado existe certo consenso de que a Humanidade passa agora por uma experiência de crise

fundamentada nos problemas criados e não resolvidos pela Modernidade. Também, observamos que para poucos trabalhos o foco dado aproxima-se da ideologia de crise quando relevam a questão da mídia alarmista sobre os problemas ambientais.

Foi possível identificarmos, em sete trabalhos (**TR 83, TR 515, TR 920, TR 2254, TR 3396, TR 5240, TR 7169**), que a experiência de crise que se vive hoje correferencia-se à Modernidade a partir da relação de inerência, como foi destacado no trabalho **TR 2254**:

[...] indicam a existência de uma crise multidimensional engendrada no interior da modernidade ocidental que, ao cumprir várias de suas promessas, ao mesmo tempo em que não cumpriu tantas outras, terminou moldando um mundo preenchido pela insustentabilidade nas suas múltiplas e inter-relacionadas dimensões (TR 2254, 2002, p.16).

A partir da análise do *corpus* documental, definimos que há um interesse comum, expresso nos trabalhos analisados, no sentido de criticar o paradigma da Modernidade, quando se trata dos fundamentos e fatores da crise socioambiental, como afirma o trabalho **TR 2577**: “Paradigma este em que foram gestados os ingredientes para a fórmula analgésica com que o ocidente pretendeu se libertar do mal-estar da dúvida” (TR 2577, 2008, p. 41). Entretanto, essa crítica se dá, nesse conjunto, em proporções muito diversas entre si. Percebemos que são mais escassas as referências à Modernidade como um mal insanável, e são mais comuns os apontamentos que enfocam as contribuições e oportunidades gestadas por esse paradigma.

O trabalho **TR 6071** (1995, p. 46) aponta para a condição de “cisão” permanente de elementos indissociáveis, característica estruturante do Paradigma da Modernidade e aspecto relevante para o trabalho que, em sua elaboração teórica, situa a Modernidade na “tradição de ruptura” da sensação temporal, em uma “constante negação do passado”, supervalorização do presente e descompasso do futuro, reflexões estas que, por sua vez, foram inspiradas em Hanna Arendt. A referência à Modernidade como aquela que abdica do passado para o desfrute de um “presente puro” também é apontada no trabalho **TR 7169**. A hipervalorização do presente é uma característica moderna que está relacionada ao consumo irresponsável e desproporcional dos recursos naturais e humanos.

O trabalho **TR 473** (2009, p. 46) justifica a constante crítica do campo da Pesquisa em Educação Ambiental em relação à Modernidade, expondo que a “fragmentação do conhecimento” gera certa “confusão do conceito de meio-ambiente. Essa confusão conceitual tem suas origens nas raízes da modernidade, que fragmentou o conhecimento”.

Interessante, também, é a síntese sobre a Modernidade elaborada nos trabalhos **TR 77** e **TR 3396**, os quais se orientaram a partir de Marshall Berman (1986): “a modernidade é perpétua desintegração e renovação, agitação e angústia, ambiguidade e contradição” (TR 3396, 2004, p. 66). Desintegração e renovação são duas das principais características sobre a Modernidade que Berman (1986, p.15) exaltou para criar poeticamente a atmosfera de contradições que constitui a vida moderna, na qual “tudo que é sólido se desmancha no ar”⁴. A capacidade inesgotável de mudança, tão cara à Modernidade, argumento das obras do poeta Baudelaire e do filósofo Habermas, também foi objeto de reflexão nos dois trabalhos citados neste parágrafo.

Observamos, igualmente, que tal movimento contraditório e paradoxal da Modernidade também foi explorado em outras pesquisas do conjunto analisado, a saber **TR 77**, **TR 83**, **TR 2252** e **TR 3362**. Pois, “A luta da modernidade centra-se, então, em desnaturalizar o ser - humano para fazê-lo livre” (TR 77, 1997, p. 40). Essa luta moderna para civilizar o homem, afastando-o de suas condições naturais, é detalhada no trabalho **TR 83**:

Cabe, portanto, ao projeto moderno de sociedade, resgatar os homens da subjugação da natureza e da condição de selvageria para inseri-los no mundo da razão. Assim, as ideias de civilidade e de modernidade remetem à noção de uma vida futura baseada no progresso e na prosperidade das cidades e ‘na crença de que a ciência pode com o tempo desvendar todos os segredos da natureza (durante o iluminismo); na ideia de uma economia humana em expansão contínua (Era Industrial); na crença contemporânea de que as futuras inovações tecnológicas e a engenhosidade humana irão por si só resolver todos os problemas humanos e ambientais’ (HUTCHISON, 2000, p. 30, apud TR 83, 2007, p. 71).

Nesse excerto do trabalho **TR 83** ficam explícitos os sonhos modernos, nos quais se esperava que a civilidade se opusesse à condição de selvageria, à barbárie, à medida que a razão vencesse a ignorância, e, conseqüentemente, o temor do desconhecido. Sem medos, a humanidade desenvolver-se-ia sem limites. A Modernidade representa um sonho do progresso material aliado ao desenvolvimento humano, a partir da liberdade espiritual e da aprendizagem sobre as engrenagens da natureza. Assim, a partir da racionalidade moderna, se os segredos do Universo fossem aprendidos, toda crise natural, ou problemas decorrentes da escassez de recursos, poderiam ser solucionados a partir das técnicas corretamente aplicadas pela ciência.

Entretanto, os mesmos louros que a Modernidade alcançou trouxeram consigo a noção de que o homem, liberto do pavor que a natureza lhe causava, poderia sobrepor-se a ela. Como o trabalho **TR 2252** (2005, p. 46) defende:

[...] o pensamento moderno, com o intuito de libertar o homem de suas amarras da impossibilidade do saber, objetivou a natureza para que dela pudesse fazer uso, causando assim, uma separação ou um distanciamento entre o homem e a natureza.

Ressaltamos que esse movimento dialético foi vigorosamente teorizado pela Escola de Frankfurt, cujos expoentes foram Adorno e Horkheimer (2006). A ideia de Modernidade, para esses autores frankfurtianos, equivale à consolidação do esclarecimento, ou do desencantamento do mundo pelo qual a Humanidade foi capaz de libertar-se de uma natureza desconhecida e amedrontadora, mesmo que essa libertação tenha significado a submissão da natureza e de outros povos aos homens que a ciência e a técnica empoderaram. De acordo com os autores: “A essência do esclarecimento é a alternativa que torna inevitável a dominação. Os homens sempre tiveram que escolher entre submeter-se à natureza ou submeter a natureza a si (ADORNO: HORKHEIMER, 2006, p. 38).

Para especificar o momento no qual a natureza passa a ser desencantada e reduzida a elementos e fórmulas matemáticos, os trabalhos **TR 3362** e **TR 7169** dialogam com os filósofos modernos, Descartes e Bacon:

Descartes ensinava que nossa intervenção na natureza é para fazer-nos *maître et possesseur de la nature*. Francis Bacon dizia: devemos ‘subjugar a natureza, pressioná-la para nos entregar seus segredos, amarrá-la a nosso serviço e fazê-la nossa escrava’ (TR 3362, 2008, p.16)

Ou ainda,

A valorização extrema da razão em detrimento dos demais aspectos do ser humano em Descartes, com seu *Cogito ergo sum* 'penso, logo existo' que lhe permitiu separar mente e corpo; assim como a unidade entre saber e poder em Bacon, onde o conhecimento passou a ser usado para dominar e controlar a natureza, e a grandiosa construção newtoniana, expressa por uma imensa síntese do pensamento até então produzido, consolidando ainda mais a visão mecanicista da natureza (TR 7169, 1999, p. 146).

Quando se referem à relação entre conhecimento científico moderno, intervenção na natureza e crise socioambiental os trabalhos analisados prezam por dirigir uma crítica ao tipo de conhecimento que se propõe único como forma de revelar a verdade.

Se, por um lado, nos trabalhos **TR 2252 e TR 8476** René Descartes é responsabilizado pela crise socioambiental, também notamos que os autores foram cautelosos na abordagem do tema em outros trabalhos analisados. Por exemplo, o trabalho **TR 83** ressalta que as dualidades se acirraram no pensamento de Descartes, mas que por esse pensador fazer parte de uma tradição do pensamento, a qual estava se construindo, não deve ser culpado pelos desdobramentos de sua filosofia. A mesma linha de pensamento aparece na pesquisa **TR 2577**. Nesse sentido, no trabalho **TR 6071** há um alerta para a necessidade de não se limitar toda uma tradição de pensamento a um só homem, e, com essa ação, repetir o tipo de reducionismo que a Pesquisa em Educação Ambiental muitas vezes se propõe a criticar.

Quatorze trabalhos (**TR 77, TR 83, TR 515, TR 920, TR 2201, TR 2254, TR 2252, TR 2577, TR 3396, TR 5240, TR 6071, TR 6199, TR 7169 e TR 8476**) explicitaram, em suas análises, quais elementos do paradigma da Modernidade podem estar diretamente relacionados com a constituição e a consolidação da crise socioambiental e da crise da civilização, como um todo. Consideramos que essa postura crítica assumida pelos trabalhos pode ser um indicativo da preocupação em colaborar para o aprofundamento teórico do campo de Pesquisa em Educação Ambiental.

Por mais que a Ciência Moderna seja apontada como um dos elementos da Modernidade que sustenta a relação de exploração entre homem – natureza, provoca nossas compreensões que, mesmo entre aqueles trabalhos que fazem a crítica e propõem atividades de Educação Ambiental que valorizem outras formas de conhecimento (por exemplo, o conhecimento popular) “ainda existe – neste conjunto de pesquisas – uma extrema confiança na ciência como instrumento de resolução de problemas ambientais” (TR 6808, 2005, p. 52).

Desencantados com o mundo, com a natureza, a Humanidade passou a conviver com um mal-estar coletivo, que pode ser compreendido como a sensação de insegurança e medo que a crise civilizacional nos traz. Portanto, uma grande contradição emerge, pois, a Modernidade projetada para racionalizar o mundo e as relações, pode abrir espaços para práticas inconsequentes e irracionais, que disseminam a destruição dos recursos naturais, o medo de um futuro de escassez, opressões e conflitos.

Dentre as pesquisas que promovem essa discussão, elencamos os trabalhos **TR 83, TR 515 e TR 5240**, que apresentam a conceituação de Modernidade Reflexiva, situada dentro da proposta de Beck et al. (1997). Reflexivamente, em

seu processo de destruição criativa a Modernidade, segundo Beck, Giddens e Lash (1997) reinventa-se, modifica-se de “dentro para fora”, e a partir das condições contemporâneas, materiais, tecnocientíficas e informacionais, transforma toda a estrutura social e individual.

A pertinência do debate do Paradigma da Modernidade para fundamentar a problemática da crise socioambiental é destacada, de forma direta, pelo trabalho **TR 2252**, quando afirma, enfaticamente, que “a crise ambiental é a crise da Modernidade” (TR 2252, 2005, p. 18). Por se tratar de uma afirmação muito generalista, é importante justificá-la:

Pode parecer um contrassenso, mas é justamente a forma de pensar na modernidade, com seu modelo analítico radical da realidade, que permite ao ser humano perceber a crise ambiental como uma crise específica que pode ser tomada à parte. Podemos dizer que o racionalismo científico deu visibilidade ao que costumamos chamar de crise ambiental. No entanto, o que estamos propondo é talvez a possibilidade de perceber a crise ambiental de uma matriz epistemológica distinta: a partir de um ponto de vista mais totalizante, poderíamos perceber a problemática ambiental como uma crise mais ampla, uma crise de visão de mundo. Uma crise de modernidade. [...] A crise ambiental é também, crise espiritual, social, política, econômica e pessoal (TR 2252, 2005, p. 18)

Em síntese, podemos inferir, da leitura dos trabalhos, a Modernidade como constituinte precisa da crise socioambiental, e a crise socioambiental como parte indissociável das condições da Modernidade. Tal movimento fundamenta as construções de pensamento das pesquisas em Educação Ambiental analisadas. A relação entre a crise socioambiental e a crise da Modernidade destacada caracteriza-se pela inerência, pela indissociabilidade entre os dois elementos, e, dessa forma, não pode ser explicada pela rígida relação simplificada de causa-efeito. Os trabalhos **TR 83, TR 515, TR 920, TR 2254, TR 3396, TR 5250 e TR 7169** justificam essa estreita relação entre os elementos.

No trabalho **TR 515** identificamos a construção do pensamento que afirma a indissociabilidade entre a Modernidade e a crise ambiental, como explicitado no trecho a seguir:

Com efeito, parece cada vez mais difícil dissociar “modernidade” de “crise”. Crise do mercado do trabalho, crise econômica, crise ecológica, crise social entre outras apontam para um futuro sombrio e nada promissor. [...] O agravamento dos problemas ambientais está ligado a escolhas feitas no que diz respeito à forma como o conhecimento técnico-científico vem sendo aplicado no processo produtivo. Portanto, as catástrofes e danos ao meio ambiente não são surpresas ou acontecimentos inesperados, e sim uma característica inerente à modernidade, que mostra, acima de tudo, a incapacidade do conhecimento construído neste século de controlar os efeitos gerados exatamente pelo desenvolvimento industrial (TR 515, 2000, p. 1, 22).

O trabalho **TR 920** destaca que uma das características do pensamento moderno que o torna inseparável de uma condição de crise socioambiental é a tendência moderna à cisão, a criar polaridades. Também, o trabalho **TR 7169** encontra nas estruturas da Modernidade, e no pensamento dual, a impossibilidade de se pensar o ambiente como um todo, e, portanto, de entender e reverter a crise socioambiental de forma profunda.

Os trabalhos **TR 77, TR 473, TR 2201, TR 2254, TR 3362, TR 6071, TR 6199, TR 7169 e TR 8476** aproximam a forma de conhecer o mundo da Modernidade com

o aprofundamento da crise socioambiental, porque ele mesmo, o pensamento moderno, está em debate, e uma das áreas que trouxe a consciência de crise ao próprio pensamento é, justamente, a temática ambiental. A partir desse movimento dialético, o trabalho **TR 2254** (2002, p. 15) declara que a crise ambiental é, também, “a crise do projeto moderno de civilidade”.

Salientamos que os trabalhos analisados atentam para a questão de que a crise socioambiental não afeta igualmente a todos os homens modernos. A injustiça ambiental aliada ao poder hegemônico (atuante nos polos econômico, político, social e cultural) mantém a desigualdade de condições materiais e aprofunda, cada vez mais, a degradação do ambiente.

No que concerne a essa temática da injustiça ambiental como parte constituinte da crise ambiental, os trabalhos **TR 2024** e **TR 5240** revelam a preocupação em tornar evidentes as questões da desigualdade social, e pensar como a disparidade de acesso, posse e uso dos recursos naturais é tão importante quanto pensar em alternativas aos elementos modernos questionados. Para tanto, esses trabalhos dialogam com Leonardo Boff. Vejamos:

É por isto que é tão importante resolver a tríade de desafios que nos circunda neste momento: a exaustão dos recursos naturais não renováveis, a suportabilidade da terra e a injustiça social mundial e somente será possível resolver isto na medida em que mudemos nossa forma de pensar, de sentir, de avaliar e de agir frente ao mundo e frente ao outro nosso irmão (BOFF, 1998, apud TR 2024, 2004, p. 67).

O trabalho **TR 2252** (2005, p. 85) aprofunda esse aspecto: “Ora, se a dessacralização da natureza atinge somente um pequeno número de ‘modernos’, o problema está no poder que este pequeno número de indivíduos exerce sobre outras formas de pensar a relação homem e natureza”. Ressaltamos que, para esse trabalho, a dessacralização da natureza cujo ápice ocorreu na Modernidade, com a consolidação por um lado do método científico e do desenvolvimento da técnica intervencionista, e por outro da consolidação do Cristianismo, é o principal fator da crise socioambiental. Vale observarmos que esse trabalho não critica o Cristianismo em sua composição como principal culpado da crise socioambiental, mas destaca uma confusão valorativa que os homens modernos enfrentam entre a razão instrumental e o Humanismo que, impulsionado pela fé cristã (quando esta afirma que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus), aprofundou a dicotomia entre natureza e sociedade.

A indissociabilidade entre a crise socioambiental e crise do paradigma moderno, além de encontrar bases no Cristianismo e na supervalorização do conhecimento moderno, para os trabalhos analisados, também é efeito de outros elementos que compõem a Modernidade, a saber: a racionalidade moderna; o antropocentrismo; o eurocentrismo; a fragmentação da realidade.

Observamos, na crítica direcionada à racionalidade moderna, componentes envolvidos com a constituição e o aprofundamento da crise socioambiental, como se pode notar no trecho destacado do trabalho **TR 77**:

A racionalidade moderna transforma profundamente as relações entre esta cultura racional e os ecossistemas propiciando desequilíbrios ambientais nunca antes imaginados e possivelmente irreversíveis. (p. 6) A desilusão da razão ocidental, que ocorre junto com o desvanecimento no ar dos paradigmas mais sólidos da modernidade, a crise cultural dos valores e normas, a crise ambiental que pede um novo tipo de eticidade nas formas de

relação da espécie humana consigo mesma, e com os outros seres, são inegáveis chamados de atenção para sair da subjetividade ególotra que historicamente tem sido fundamento da cultura moderna (TR 77, 1997, p. 91)

Pensamento compartilhado pelo trabalho **TR 473** (2009, p.94), no qual é aprofundada a crítica direcionada à racionalidade moderna quando afirma que a crise socioambiental atual foi gestada na forma moderna de pensar e que “não só é profunda, como irreversível”.

As inter-relações entre a crise ambiental e o antropocentrismo, princípio fundante do paradigma moderno, também estão presentes no trabalho **TR 473** que “identifica o antropocentrismo como um dos elementos responsáveis pela devastação ambiental, como o pivô da crise ecológica” (2009, p. 56). Assim como já o fizera o trabalho **TR 7169** (1999, p. 62), ao afirmar que “a crise ambiental a que assistimos tem sua origem na concepção de mundo que tem por base a ideia de que o homem é o centro da natureza”.

O eurocentrismo, derivado regional e imperialista do antropocentrismo, destaca-se ao desvalorizar comunidades que se relacionam com a natureza de forma diversa às culturas ocidentais. Esse componente da cultura moderna é criticado pelo trabalho **TR 2201**.

A característica moderna de exaltar o pensamento binário é apontada por dois trabalhos, como se observa a partir do trecho abaixo, publicado pelo trabalho **TR 6071**, em 1995, e citado por **TR 6199**, em 2005:

É na base deste dualismo [sujeito e objeto] que se encontra a gênese filosófica da crise ecológica moderna, pois a partir desta cisão a natureza não é mais que um objeto passivo a espera de um corte analítico. Os seres humanos se retiram da natureza. [...] O processo de objetificação, implica simultaneamente domínio, posse, mas também perda, afastamento da natureza (TR 6071, 1995, p. 32).

O reducionismo e a fragmentação da realidade pelo conhecimento moderno foram identificados pelos trabalhos **TR 2254**, **TR 3362**, **TR 6172** e **TR 8476** como elementos modernos que aprofundam a crise socioambiental. O trabalho **TR 3362** adverte sobre o anacronismo existente entre a crise complexa contemporânea e os instrumentos reducionistas para conhecê-la e tentar minimizá-la, como pode ser observado na passagem:

É uma crise complexa, multidimensional, cujas facetas afetam todos os aspectos de nossa vida - a saúde e o modo de vida, a qualidade do meio ambiente e das relações sociais, da economia, tecnologia e política. É uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais [...] são facetas diferentes de uma só crise, que é, essencialmente uma crise de percepção, ela deriva do fato de estarmos tentando aplicar os conceitos de uma visão de mundo obsoleta - a visão de mundo mecanicista da ciência cartesiana - newtoniana a uma realidade que já não pode ser entendida em função desses conceitos (TR 3362, 2008, p. 16).

Uma vez que a problemática ambiental está no cerne dos questionamentos acerca das limitações do paradigma moderno, interessa-nos mostrar algumas das aproximações que os trabalhos analisados teceram sobre a Pós-Modernidade, ressaltando que essas colocações caminharam dialogando com a Modernidade, assim como era esperado, visto que são noções interdependentes.

O pensamento de David Orr, segundo o trabalho **TR 928**, valoriza a Pós-Modernidade como possibilidade de completar os “espaços que a Modernidade

negligenciou em nome da ênfase na ciência”. Para esse autor, “essencialmente no campo ambiental, os pós-modernos acreditam que a modernidade não consegue responder à sustentabilidade planetária” (TR 928, 1997, p. 71). A exequibilidade de se encontrar na Pós-Modernidade elementos para apurar o campo ambiental é reafirmada no trabalho **TR 6808**:

A formação ambiental insere-se em tramas tecidas além da Modernidade, e tempera as trajetórias da pesquisa com a suavidade da poesia, do prazer e dos desejos de transformação social com cuidados ecológicos necessários. Fundamenta-se na liberdade do aprendiz para a formação de uma comunidade de aprendizagem, alicerçada em valores cooperativos, apostando na capacidade coletiva de propor um caminho de transgressão aos padrões dominadores estabelecidos para que a construção do conhecimento seja lúdica, prazerosa e desejada (SATO, 2003, p. 1, apud TR 6808, p. 24).

Em outra direção, argumenta o **TR 3396** sobre sua incredulidade nessa teoria, segundo seu aporte teórico crítico embasado em David Harvey, que alerta que “os sentimentos modernistas podem ter sido solapados, desconstruídos, mas há pouca certeza quanto a coerência ou ao significado dos sistemas de pensamento que possam tê-los substituído” (TR 3396, 2004, p. 66).

Pontuamos que, dentre os trabalhos analisados que criticam, positiva ou negativamente, o paradigma moderno, poucos façam a defesa explícita de que essa transição finalize com a supremacia da visão de mundo pós-moderna sobre a moderna, como ocorre em **TR 77**, **TR 3362** e **TR 6808**.

É possível que essa baixa adesão à Pós-Modernidade se deu porque, nas pesquisas analisadas, a criticidade que permeia os textos parece não se dar de forma apressada ou sem justificativas teóricas.

Em quatro trabalhos, destacamos as aproximações estabelecidas entre a crise socioambiental e a Pós-Modernidade que parecem dialogar com a ideia de que essa contextualização da sociedade é atemporal, não significa um momento posterior à Modernidade, ao relacionarem as seguintes características com a relativização do paradigma vigente, e até mesmo de um momento histórico anterior: a volta ao sagrado (TR 3362); uma visão holística (TR 3362); o niilismo (TR 2252); valores pré-modernos, como “vivência comunitária na floresta” (TR 2024, 2004, p. 43).

Ressalvamos que não houve, nas pesquisas analisadas, nenhuma referência à Hipermodernidade, indicando ser esta, até o momento, uma lacuna que possa, futuramente, ser abordada.

Diante do cenário de incertezas e desequilíbrios, característico da crise socioambiental, evidenciado pelos trabalhos analisados, é um abrandamento, também, entendê-la como um espaço de esperanças, já que “a crise também é a mola propulsora do existir, não fora ela a vida seria por demais monótona, vista deste ângulo a crise apresenta um aspecto de transformação” (TR 3396, 2004, p. 37). Podemos perceber esse otimismo contido em seis trabalhos (**TR 77**, **TR 83**, **TR 2252**, **TR 2577**, **TR 7169** e **TR 8476**), visto que “um momento de crise não é um momento de desesperança, mas deve ser um momento de discernimento, decisão” (TR 2252, 2005, p. 11).

CRISE SOCIOAMBIENTAL COMO OPORTUNIDADE DE REBELDIA E CRIATIVIDADE

Ao compreendermos a crise socioambiental contemporânea como uma oportunidade de reflexão e mudanças estruturantes desta sociedade, podemos optar pelo caminho da Educação transformadora, na qual conceitos, ações e valores estejam balizados pela utopia da igualdade, prosperidade, justiça e bem-estar, entre humanos e entre sociedade e natureza.

Sendo assim, o trabalho **TR 8476** (1994, p. 25) compreende a crise como um momento de “expansão de consciência”, explica-se:

Toda crise é um grande momento de expansão de consciência, na medida em que a velha ordem está em perigo e surge a necessidade de procurar-se as raízes do problema, que, uma vez identificadas, se tornam novas sementes de vida.

O trabalho **TR 2577** (2008, p. 66) apoia-se na ideia de que a crise pode ser um profícuo momento para a “revisão crítica dos fundamentos da ciência”:

Para Bachelard (1996), o momento atual, embora angustiante pelo seu aspecto de crise, é um momento frutífero. Porque é exatamente em termos de obstáculo entendido como crise do pensamento, que o problema dos fundamentos do conhecimento científico deve ser (re) colocado. O momento da crise se constitui, assim, em oportunidade de revisão crítica e revisão dos fundamentos da ciência, das suas condições, limites e possibilidades.

Ainda nesse propósito, segundo o trabalho **TR 7169** (1999, p. 33) as chaves para exercer este “potencial crítico” gerado pela crise estão na “rebelia e criatividade”, como se defende no fragmento em destaque:

É lá, no âmago da consciência em crise que está a chave para a mudança, é na conjuntura do ser, no cerne de sua condição que se estabelece o conflito, numa espécie de campo de batalha onde se encontram o antigo e a possibilidade do novo. Quanto maior a rebelia, quanto maior a insatisfação maior a possibilidade de mudança. Rebelia e criatividade, neste sentido, acabam andando juntas, tanto uma quanto a outra fazem com que o ser humano recrie sua condição, e por colocar-se novamente frente a possibilidade do inusitado, do desconhecido e do diferente este assume novamente sua existência.

Entendemos ser esta inconformidade possibilitada pelo agravamento e complexidade da crise, uma ocasião privilegiada para a sociedade contemporânea refletir sobre sua constituição e desenvolvimento, sua forma de organizar-se e produzir, e, portanto, de relacionar-se com a natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de realizarmos esta pesquisa, nos questionávamos sobre que possibilidades tinha a Pesquisa em Educação Ambiental de superar características da Modernidade, compreendidas como fatores da crise socioambiental, como, por exemplo, o pensamento reducionista, sem deixar os recursos e liberdades conquistadas por meio da Ciência Moderna. Estaríamos, todos, nós fadados a permanecer presos ao angustiante presente, esperando pela concretização dos trágicos cenários anunciados? Como poderia a Educação Ambiental garimpar, nessa bateia de dúvidas sobre a fundamentação da crise socioambiental, concretos caminhos para situar nosso real problema ambiental, relativo à sociedade, predominantemente ocidentalizada e urbana?

A partir da análise das teses e dissertações do *corpus* documental pudemos compreender que o debate Modernidade/Pós-Modernidade está presente nas pesquisas sobre Educação Ambiental no Brasil, e que tece relações, em sua maioria de indissociabilidade, entre a crise socioambiental e a crise da Modernidade. Nesse contexto, existe um movimento, mesmo que pequeno diante da expressiva produção na área, de reverter parte da fragilidade teórica deste campo do conhecimento, buscando, com afinco, defender seus referenciais teóricos e, conseqüentemente, suas opções metodológicas.

Parece-nos importante ressaltar que tais considerações se limitam às interpretações que fizemos dos textos selecionados para análise, e dependendo dos critérios para a seleção e da fonte do banco de dados, o *corpus* poderia ser infinitamente acrescentado de outros trabalhos, com a atualização da data de defesa, por exemplo, ou por novas buscas com termos diferenciados.

Nos trabalhos analisados, pudemos perceber que a crise é compreendida como complexa, de interdependentes esferas, e que pode ser entendida como uma crise dos conhecimentos privilegiados pela civilização moderna. Ainda que profunda e sem fácil solução, a crise também pode ser oportuna para que as sociedades implementem outras formas de conhecer e intervir na natureza, prezando pelo equilíbrio.

Existe um consenso entre os trabalhos analisados de que algumas das características modernas (as dualidades corpo e espírito; natureza e ser humano; a fragmentação da realidade; a superespecialização do conhecimento; valorização extrema da racionalidade científica e do antropocentrismo; eurocentrismo, por exemplo) terão que ser superadas, ou modificadas, para que se possa, de fato, construir relações menos opressoras entre as pessoas, e entre sociedade e natureza, e assim diminuir as injustiças socioambientais e o uso insustentável dos bens naturais.

Depreendemos, de nossas análises, que os trabalhos que se propuseram a estabelecer relações entre a crise socioambiental e o debate da Modernidade/Pós-Modernidade não pretendem, no entanto, apontar a Pós-Modernidade como uma teoria capaz de solucionar os problemas relativos à questão ambiental, mas dentre outras possíveis, essa teoria relativiza máximas modernas, e aponta para a flexibilização ou, ainda, superlativação de características típicas da sociedade moderna.

Contributions of the modernity/ postmodernity debate theory to understand the socio-environmental crisis: a study on Brazilian theses and dissertations in environmental education

ABSTRACT

One of the ways to understand the socioenvironmental crisis is to perceive it as a manifestation of the contemporary occidental society's knowledge crisis, i.e., the way our society understands, interacts with, and intervenes in the nature. The objective of the present study was to identify the theoretical contribution of the Modernity/Post Modernity debate presented by the Brazilian academic research on Environmental Education to understand, contextualize and explain the socioenvironmental crisis and provide elements for the theoretical foundation of this knowledge area. The investigation consisted in the analysis of twenty-four academic studies from the project Environmental Education in Brazil: analysis of academic production (theses and dissertations), and is characterized as a state of the art research. Under the qualitative content analysis approach, the present study analyzed eighteen master's degree dissertations and six doctoral thesis defended between 1992 – 2009 in nineteen education and research institutions located in the southeastern and southern regions of the country. The Modernity/Post Modernity debate is present in the Brazilian Environmental Education, weaving the relations between the socioenvironmental crisis and Modernity Paradigm. From the studies analyzed, seven address such relations objectively, five promote a latent discussion, and the eleven remaining, despite not having evidently thematized the topic, described a possible paradigmatic transition that would be occurring between the Modernity paradigm and its successor, as a consequence of the socioenvironmental crisis. The studies indicate a consensus in what regards the ecologic, environmental of social crisis is a complex and broad one, and cannot be reduced to the idea of natural resource scarcity or finitude. According to these studies, this crisis experience is grounded on some aspects of the Modernity Paradigm, such as the fragmentation of the modern scientific knowledge; the disenchantment of the world; the Christianity; rationality; anthropocentrism; and eurocentrism. The analyzed studies regard the relationship between the socioenvironmental and the Modernity crises as indissociable; therefore, such relationship cannot be explained through a rigid and simplified cause-and-effect approach.

KEYWORDS: Socio-environmental crisis. Modernity. Environmental Education Studies. State of the Art.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a CAPES pelo incentivo à realização da dissertação, fonte deste artigo, realizada entre os anos de 2012 e 2014, e ao Projeto Educação Ambiental no Brasil: análise da produção acadêmica (teses e dissertações) - Projeto Earte.

NOTAS

1 Este estudo foi inicialmente apresentado por meio da dissertação de mestrado O debate modernidade/ pós-modernidade e a crise socioambiental: um estudo sobre teses e dissertações brasileiras em Educação Ambiental, defendida em 2014, na Universidade Estadual Paulista, em Rio Claro/SP.

2 Destaques da dissertação foram divulgados nos Anais dos eventos: **VII Congresso Iberoamericano de Educación Ambiental Comunitária**, ocorrido na cidade de Lima/Peru, em 2014, e no **VIII Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental**, realizado na cidade do Rio de Janeiro, em 2016.

3 Projeto Educação Ambiental no Brasil: análise da produção acadêmica (teses e dissertações) - Projeto Earte, de caráter interinstitucional, tem como finalidade organizar um catálogo de todas as teses e dissertações sobre Educação Ambiental que foram defendidas no Brasil e é composto pelos trabalhos que atenderam aos critérios definidos pelos pesquisadores. Desde 2014, está disponível em <http://earte.net/>.

4 Essa metáfora foi publicada em 1848, por Karl Marx e Friedrich Engels no Manifesto do Partido Comunista e deu origem ao debate sobre como contextualizar o tempo presente, e em 1986, foi problematizada por Berman.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: Fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edição revista e atualizada. Lisboa: Edições 70, 2009.

BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. (Orgs.) **Modernização Reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**: A aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CARVALHO, L. M. **A temática ambiental e a escola de 1º grau**. 1989. 286 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

CARVALHO, L.M. et al. **A educação ambiental no Brasil**: análise da produção acadêmica – teses e dissertações. CNPq: Relatório Científico. Rio Claro, UNESP – Rio Claro, UNICAMP, USP – Ribeirão Preto, 2016.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, Cad. Cedes, Campinas, v. 79, ano XXIII, p. 257-272, 2002.

GOERGEN, P. Teoria e ação no GT Educação Ambiental da ANPED: Partilhando algumas suspeitas epistemológicas. **Revista Pesquisa em Educação Ambiental**, Rio Claro, v. 5, n. 2, p. 9-30, 2010.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. 22 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

JAMESON, F. **Pós-modernismo**: A lógica cultural do capitalismo tardio. Trad. Maria Elisa Cevasco. 2 ed. 3ª reimp. São Paulo: Ática, 2002.

KATO, D. S. O conceito de ecossistema na produção acadêmica brasileira em educação ambiental: construção de significados e sentidos. 2014. 233 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014.

LEFF, E. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 2 ed. Trad. Lucia Mathilde Orth. Petrópolis: Vozes, 2001.

LYOTARD, J-F. **A condição pós moderna**. Trad. José Bragança de Miranda. Lisboa: Gradiva, 1979.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. Trad. Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

REIS, D. A.; SILVA, L. F. Mapeamento das dissertações e teses brasileiras de Educação Ambiental que tratam do tema Mudanças Climáticas. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 33, n. 1, p. 112-131, 2016.

RODRIGUES, A. M. A questão ambiental e a (re) descoberta do espaço: Uma nova relação sociedade/natureza? **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, v. 1, n. 73, p. 35-72, 1994.

VALENTIN, L. **A formação continuada de professores em Educação ambiental na produção acadêmica** (dissertações e teses). 2016. 137 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016.

Recebido: 05 maio 2020

Aprovado: 15 jul. 2020

DOI: 10.3895/actio.v5n2.12189

Como citar:

ZUPELARI, M. F. Z.; CAVALARI, R. M. F. Contribuições do debate modernidade/pós-modernidade para a compreensão da crise socioambiental: um estudo sobre teses e dissertações em educação ambiental.

ACTIO, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 1-23, mai./ago. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/actio>>.

Acesso em: XXX

Correspondência:

Maria Fernanda Zanatta Zupelari

Rua Engenheiro Monlevade, n. 841, apto 1, Centro, Jundiaí, SP, Brasil.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional

